

Biólogo contra reserva indígena causa polêmica

Carlos cândido

BELO HORIZONTE — O biólogo americano Kent Redford provocou polêmica ontem no encerramento do 1º Simpósio sobre Conservação de Diversidade Biológica no Brasil, promovido em Belo Horizonte pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Fundação Biodiversitas, ao propor que os ecologistas lutem pela exploração racional dos recursos naturais das áreas habitadas por índios, seringueiros, castanheiros e pescadores na Amazônia, em vez de pregarem apenas a criação de reservas indígenas.

Para Redford, os ecologistas não podem ser eternos "advogados dos índios", pois estes estão sendo aculturados e muitas vezes destroem suas próprias reservas, pressionados por empresários que lhes oferecem boas vantagens comerciais por peles de animais e árvores. Propôs que os grupos de cientistas passem a trabalhar com os índios e demais "povos das florestas", mostrando-lhes a necessidade de explorar de forma racional os recursos naturais da floresta amazônica.

Professor da Universidade da Flórida, EUA, Kent Redford baseou sua proposta em trabalho que desenvolve há quatro anos na Amazônia boliviana e brasileira, com antropólogos america-

Folheto vai ensinar elites

BELO HORIZONTE — A Fundação Biodiversitas, criada em dezembro do ano passado por cientistas mineiros, vai publicar um folheto científico ilustrado, em linguagem de fácil compreensão, sobre a necessidade de se preservar o maior número possível de espécies animais e sistemas ecológicos, para ser distribuído entre políticos, empresários e fazendeiros do país. A decisão foi tomada ontem no encerramento do 1º Simpósio sobre Conservação de Diversidade Biológica, patrocinado pela Biodiversitas e pela Universidade Federal de Minas Gerais, do qual participaram ecólogos americanos e brasileiros.

"A biodiversidade é um conceito abstrato, que ainda precisa ser muito divulgado. Já conseguimos atingir a imprensa e a juventude. Mas precisamos atingir as pessoas que decidem sobre o meio ambiente, que são os empresários, os fazendeiros e os políticos", disse o vice-presidente da Biodiversitas, o zoólogo Célio Valle.

O projeto da publicação já recebeu apoio financeiro da Fundação Mundial para a Vida Silvestre, cujo vice-presidente, Russel Mittermeier, participou do seminário. Segundo Célio Valle, a Biodiversitas publicará "um livrinho de 20 a 30 páginas", mas ainda não é possível

nos, sobre a caça de sobrevivência na região. Informou que a estimativa dos cientistas é de que são abatidos anualmente 30 milhões de animais, sem que isso prejudique o equilíbrio ecológico. Para o biólogo americano, sua proposta se justifica pelo fato de que as áreas habitadas são muito mais extensas que as reservas indígenas e parques: 74 milhões de hectares, contra 13 milhões de hectares.

O presidente da Biodiversitas, **Ângelo Machado**, disse considerar dispensável educar os indígenas sobre preservação da mata. "Eles vivem nela há milhares de anos e a preservaram até hoje", argumentou, defendendo o direito ao isolamento dos indígenas em reservas, garantida pela Constituição. "A caça dos indígenas é regulamentada por seus mitos, que dizem que aquele que matar mais animais do que pode carregar será punido pelos espíritos da floresta", disse Ângelo Machado. Para o biólogo mineiro, as reservas indígenas estão sendo devastadas porque a legislação não vem sendo cumprida.

Ângelo Machado e Kent Redford concordaram, no entanto, em que a destruição da Amazônia é feita principalmente por quem não a habita e a vê apenas como fonte de exploração econômica para fins comerciais.

estimar quanto custará nem sua tiragem. Por enquanto, está definido apenas que será publicado até o final do ano, e trará o slogan da Biodiversitas: "Somos 30 milhões de espécies."

"O planeta tem 30 milhões de espécies animais e vegetais, de acordo com estimativas científicas. No entanto, apenas 1,5 milhão são conhecidas. Se não preservamos os ecossistemas, destruíremos a maioria dessas espécies antes mesmo de conhecê-las", disse Célio Valle.

□ **A Sociedade Brasileira de Ictiologia está preparando a lista vermelha das espécies aquáticas ameaçadas de extinção, disse o presidente da Associação Brasileira de Proteção Animal (Abpa), almirante Ibsen Câmara, durante o seminário sobre biodiversidade. Explicou que cientistas e ecologistas não têm conhecimento de quantas espécies de peixes brasileiros já desapareceram ou estão ameaçadas de desaparecimento, porque a Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (Sudepe), órgão estatal responsável pelos peixes e recentemente extinta pelo governo federal, nunca se preocupou com o assunto. (C.C.)**

Tribunal moral condena Brasil na Amazônia

BELÉM — O estado brasileiro foi condenado por unanimidade, pelo conselho de sentença do Tribunal Amazônico da Natureza, realizado em Belém na noite de terça-feira passada, como principal responsável pelos crimes praticados contra a ecologia regional. Presidido pelo ecologista José Lutzemberg, ganhador do prêmio de Right — Livelyhodd Association de 1988, a corte teve sua decisão respaldada por mais de 750 pessoas, que lotaram completamente o auditório do Centro Cultural Tancredo Neves desde as primeiras horas da tarde, para ouvir a palestra do cientista sobre Ecologia e Estado no Brasil, e para manifestar seu repúdio à degradação do meio ambiente na Amazônia, em consequência dos grandes projetos e da ocupação, que substitui a floresta original por pastagens.

O conselho de sentença, formado pelo deputado estadual Edmilson Rodrigues (PT), João Batista Bustos, ex-secretário de Agricultura, José Luís D'Ávila, presidente da Associação dos Funcionários do Banco da Amazônia, Paolo Moselas, professor da Universidade de São Carlos (SP), Roberto Santos, professor da Universidade Federal do Pará e presidente do Tribunal Regional do Trabalho, Waldir Santos, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, e Aláudio Santos, representante da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, apesar da condenação decidiu não emitir nenhuma sentença por enquanto.

O estado brasileiro foi defendido pelo criminalista Américo Leal, que alegou co-participação do povo brasileiro nos crimes supostamente praticados contra a natureza. Na acusação, funcionou o advogado José Ismaelino Valente.

"O estado nacional é um autêntico padrao da Amazônia, e sempre encarou a região como uma frente a ser explorada pelo parque industrial do sul do Brasil. Até hoje, o governo não apresentou nenhuma estratégia ambiental para a Amazônia, utilizando sempre o colonialismo interno e o capitalismo para marcar sua presença na região", disse o promotor.

Citou depois dos grandes projetos, impactos ambientais provocados pela atuação das multinacionais, como a morte do Lago Batata, no município de Oriximiná, pela Mineração Rio do Norte, que extrai bauxita; o pó da china (Torodon 135) usado por empreiteiras contratadas pela Eletronorte para desfolhar árvores sob a linha de transmissão da usina hidrelétrica de Tucuruí, que matou pessoas e animais na região de Tailândia; a contaminação da atmosfera, em Marabá.

Índios reunidos para lutar por direitos ganham apoio do Papa

Ricardo Arnt

ALTAMIRA, PA — Os chefes indígenas que se opõem às políticas da Eletronorte para a construção de hidrelétricas na Amazônia, presentes ao 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, receberam ontem um apoio importante. O papa João Paulo II, através do secretário de estado do Vaticano, cardeal Agostino Casaroli, mandou um telegrama de apoio à assembléia indígena, lido em voz alta pelo líder caiapó Paulo Paiaçã.

O telegrama enviado a dom Erwin Kreutler, bispo da Prelazia do Xingu (que está na Suíça), diz: "Chegou ao conhecimento do Santo Padre o encontro de tribos índias da Amazônia, nessa prelazia. Acompanhando com afeto em Cristo, e rezando pela feliz solução dos múltiplos problemas desses homens irmãos, o Sumo Pontífice confia a Vossa Excelência transmitir uma benevolente palavra de solidária presença espiritual. Bons votos e a bênção de Deus." A mensagem é assinada pelo cardeal Agostino Casaroli.

A Prelazia do Xingu criticou a proposta de criação da Fundação Floresta Virgem, feita pelo cantor e compositor inglês Sting, cuja primeira tarefa será anexar três áreas ao Parque Nacional do Xingu, comprando-as de fazendeiros. A proposta está sendo considerada "paternalista".

Questionável Em entrevista coletiva, o coordenador do Conselho Indigenista Missionário Norte-2 (Cimi) e da Pastoral Indigenista da Prelazia do Xingu, padre Renato Trevisan, acompanhado pelo advogado do Cimi, Júlio Geiger, e pelo padre Ângelo Pansa, classificou de "questionável" a idéia de compra de terras no Xingu, uma vez que "se pretende comprar para os índios aquilo que já é deles". Geiger, entretanto, ressaltou que a intervenção do artista é "cheia das melhores intenções".

Sting deixou Altamira ontem de manhã, com destino ao Parque Nacional do Xingu, onde ficará três dias. Ele e sua *entourage* mantiveram-se longe da imprensa, protegidos por guarda-costas.

Durante toda a manhã, chefes indígenas relataram experiências dramáticas com a construção de represas em todo o país, criticando as empresas do setor elétrico. Furnas, por exemplo, foi acusada de tramar a extinção dos últimos 15 avacanoiros de Goiás, com a usina de Serra

Altamira (Pa) — Flávio Rodrigues



O cacique caiapó Paiaçã leu o telegrama do Vaticano

da Mesa. Os caigangues acusaram a Eletronorte de planejar a inundação de seis áreas indígenas com a construção de barragens no Rio Uruguai. O líder Paiaçã, dos gaviões de Mãe Maria, no Pará, voltou a acusar a Eletronorte de tê-lo enganado com a indenização paga pela invasão do território tribal pelas obras de construção da hidrelétrica de Tucuruí, em 1985.

O presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, foi vaiado ao salientar à assembléia que o governo brasileiro "garantiu a realização do encontro", aberto ao confronto

de opiniões e à expressão das reivindicações indígenas. "A posição mais avançada do governo brasileiro é em cima do muro", disse o líder Domingos Xavañte.

Fernando César ressaltou que, sem a sua presença, do representante do Itamirati e da Eletronorte que anunciou que das sete barragens projetadas para o Rio Xingu a empresa só vai construir Kararão a União Democrática Ruralista (UDR) poderia ter facilmente impedido a reunião. Mesquita prometeu interceder para que a Funai tenha "uma atuação mais dinâmica e sensível às reivindicações", inclusive para "tirar do papel e pôr na prática a demarcação das terras indígenas".